

Um diálogo entre análise de discurso e literatura brasileira

CLEBER FERRADEIRA SALES BEZERRA

UFRRJ, Seropédica, Brasil

RESUMO

O diálogo entre a Análise de Discurso e a Literatura Brasileira, a partir de um conto do século XIX (*De cima para baixo*, de Artur Azevedo), a fim de se apresentar como documento elaborado ficcionalmente, reportam os estudos, fornecendo um recorte de múltiplas perspectivas para embasar as leituras, oferecendo um arcabouço com outros textos, que já são exigidos pela própria disciplina (Linguística, História, Psicanálise), segundo Orlandi (2001), entre outros autores: Benjamin (1987), Foucault (1979). Trabalhar a formação, identificação, subjetiva dos alunos, trazendo no bojo dessa questão a subjetivação da posição social, em uma hierarquia de trabalho, como a do nome próprio (trazidas pelo tema central do texto literário), utilizando o texto como unidade dispersiva, ou seja, apresentar o texto como fonte de uma formação discursiva, ao mesmo tempo reconhecê-lo inserido em um universo de produção e possibilidades de linguagens, conjugadas com fatores extratextuais e contextuais, como a época em que foi escrito e outras condições de produção, ao atravessar nossas relações sociais e nos singularizar. Possibilitar o exercício de uma leitura crítica, fazendo o aluno evoluir para o seu papel de autoria, tanto na produção de sentidos, quanto para o seu papel social no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Análise de Discurso; História; leitura; Literatura Brasileira.

ABSTRACT

The dialog between Discourse Analysis and Brazilian Literature, based on a short story from the 19th century (*De cima para baixo*, by Artur Azevedo), in order to present itself as a fictionally elaborated document, reports the studies, providing a cross-section of multiple perspectives to support the readings, offering a framework with other texts, which are already required by the discipline itself (Linguistics, History, Psychoanalysis), according to Orlandi (2001), among other authors: Benjamin (1987), Foucault (1979). To work on the subjective formation and identification of students, bringing into this issue the subjectivation of social position, in a hierarchy of work, such as that of the first name (brought about by the central theme of the literary text), using the text as a dispersive unit, in other words, to present the text as the source of a discursive formation, while at the same time recognizing it as part of a universe of language production and possibilities, combined with extratextual and contextual factors, such as the time in which it was written and other conditions of production, as it crosses our social relations and singularizes us. To make it possible to exercise critical reading, enabling students to develop their role as authors, both in the production of meaning and in their social role in the job market.

Keywords: Discourse Analysis; History; reading; Brazilian Literature.

O presente trabalho se inscreve como um projeto a ser desenvolvido para a formação continuada Profletras 2023, visando a obter o grau de mestre, pela UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

A aprendizagem da leitura não pode se resumir a marcadores, promovidos para serem mensurados pelo IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Por mais bem orientadas que sejam as avaliações

da Provinha Brasil, da Prova Brasil e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), elas são braços burocráticos do governo e de seus gestores nos ministérios federais e secretarias locais, com planos de desenvolvimento e compromisso que variam de acordo com a política econômica do período que se atravessa, cujos resultados também são usados como propaganda na mídia.

“Escolas mostram como conseguem boas notas no Ideb”; “‘Ideb Social’: governo irá criar índice para medir quantidade de pessoas em situação de pobreza no país, diz Wellington Dias”; “Rio de Janeiro tem o pior resultado no Ideb da Região Sudeste” são alguns títulos sugestivos veiculados no portal de notícias G1¹, passíveis de interpretação, tanto linguística quanto contextual, em que a direção de opinião é uma delas, com fatores que estão fora do texto e levam o leitor a criar certos pressupostos e presumir determinadas conclusões.

Será a partir de uma análise de Orlandi (2001) que entraremos em contato com a atividade de leitura da perspectiva discursiva. Veremos que, ao lidar com os procedimentos de interpretação e compreensão, os conceitos mobilizados pela teoria e metodologia mostrarão que texto e discurso são bem diferentes, pois os mecanismos de produção, os efeitos de sentido, a posição ocupada pelos sujeitos e a ideologia se integram com várias formações discursivas, das quais o texto é parte integrante. Segundo as palavras da autora,

A análise de discurso tem como unidade o texto. Na perspectiva da análise de discurso, o texto é definido pragmaticamente como a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção. O texto se constitui, portanto, no processo de interação (ORLANDI, 2001, p. 21).

“Para interpretarmos os funcionamentos que apontamos, é essencial levarmos em conta as condições sócio-históricas de circulação” (Silva *et al.*, 2022, p. 39). Segundo mostra Silva (*id.*), o funcionamento discursivo está atrelado a uma série de condições que se inter-relacionam e se deslocam, sob as perspectivas históricas de uma época com repercussões naquele modelo social, de onde a dinâmica de análise se estabelece.

Gostaria de apresentar o conto *De cima para baixo* do comediógrafo Artur Azevedo. O conto para análise pode ser entendido como um modelo caricato, não podendo se enquadrar como exemplo de luta atual pela resistência no movimento de grupos minoritários, como do movimento negro; apenas como exposição pitoresca, grotesca, das mazelas sociais do seu tempo, mas sem oferecer soluções sobre o problema, quando a luta abolicionista tinha um caráter sociopolítico muito relevante, mantendo, em paralelo com os dias de hoje, o objetivo pela igualdade de direitos civis e oportunidades de trabalho.

O fato de Artur Azevedo ter escolhido fazer comédia já demonstra o seu posicionamento ao lado das lutas sociais, fazendo a denúncia, retratando as situações de preconceito em seus textos, porque expor em uma situação de farsa já significava expor ao ridículo, e isso tinha um peso social marcante na época.

Segundo Pêcheux (1995), é a materialidade linguística que dá o suporte para sustentar o processo sócio-histórico, ou seja, é pela língua que se veem os vestígios (do ponto de vista da análise) que podem ter sido manejados pelas condições de produção e produções de sentidos, dependendo da posição que o sujeito ocupe, como autor.

1 Disponível em: <<https://g1.globo.com/tudo-sobre/ideb/>>. Acesso em: 27 mar. 2024 às 15:34.

Deter-se demais em qualquer um desses aspectos significa apagar outros mecanismos discursivos, previstos pelo contexto. É no contexto estrito, ou mais amplo, que se destaca o discurso. Vejamos a lição de Silva (2022, p. 43):

Ao apresentar as condições de produção do discurso, Orlandi (2001) propõe a divisão entre:

- a) as condições de produção consideradas em sentido estrito, que compreendem as circunstâncias da enunciação, o contexto imediato, o aqui-agora do dizer;
- b) e as condições de produção em sentido amplo, que são constituídas pelo contexto sócio-histórico.

Por outro lado, o processo sócio-histórico é responsável por muitos dizeres, também considerado em seu materialismo. Dessa forma, para além dos modelos abstratos e ideais de uma língua que se apresenta e é representada em seus “*status*” gramaticais, Pêcheux recupera a importância dos sujeitos e alia a releitura do marxismo – trazida por Louis Althusser (1970) sobre *O Capital* de Marx – à psicanálise de Jacques Lacan (1998) – em uma releitura de Sigmund Freud.

Como nos diz Orlandi (2010), esses estudiosos entre outros, reconhecem que a questão da leitura, do “como” ler, deve levar em consideração o dispositivo teórico que a sustenta. Ou seja: toda leitura se pauta em um dispositivo, em um método que determina como ler e interpretar (SILVA *et al.*, 2022, p. 23).

É essa tônica que se deseja adaptar e aplicar para os exercícios de leitura, da prática de ler no funcionamento discursivo, para tornar relevante não só a língua como objeto empírico e científico, mas também o entorno, para compor esse mosaico complexo pelo qual somos levados, através das diversas formações discursivas. Ao mesmo tempo em que nos entendemos melhor, mesmo dentro de um turbilhão de informações, que vêm de qualquer direção, com adversas intenções de se reproduzir, de vez em quando ainda surgem brechas para se articularem novos sentidos:

Na tensa relação entre paráfrase e polissemia, todos esses componentes das condições de produção da leitura entram não como elementos únicos, mas justamente em suas posições relativas. E é essa relação de posições histórica e socialmente determinadas – em que o simbólico (linguístico) e o imaginário (ideológico) se juntam – que constitui as condições de produção da leitura (ORLANDI, 2001, p. 11).

Sem ignorar as contradições e ambiguidades previstas pelas próprias condições de produção, em um primeiro momento, e as produções de sentido, sob as quais (ambas) não se tem controle, devido aos diversos atravessamentos a que estamos submetidos em nossa singularidade e sócio-historicamente.

A acessibilidade pela linguagem é desejável, tornando o aluno mais confiante para ler e atingir alguns graus de relação com o texto, de acordo com o que Orlandi (2001, p. 101) chamou de “o inteligível, o interpretável e o compreensível”. Representa uma conquista intelectual para os alunos da rede pública do município de Nova Iguaçu, na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), oferecer a eles um material,

geralmente apreciado como de difícil leitura, dando meios de adquirir esses textos por si mesmos, seja porque o vocabulário é simples, seja porque as situações expostas ficcionalmente lhes pareçam reconhecíveis.

Os conceitos de paráfrase, polissemia, formações imaginárias, discursivas e ideologia serão aprofundados na composição do arquivo pedagógico. O arquivo pedagógico será o canal para, através da intertextualidade, explorar tematicamente as formações ideológicas e imaginárias, com letras de canção, enredos de filme, entre outras formações discursivas.

Por exemplo, ao trazer aos alunos o texto-base *De cima para baixo* e mostrar as formações ideológicas e imaginárias (com suas respectivas diferenças) como papéis, a partir da posição social que ocupam “relacionadas aos sujeitos, às projeções que fazem de si, do outro e sobre aquilo que está sendo dito no discurso”, de acordo com Silva (2022, p. 11-13), poder-se-ia trabalhar o filme *Trocando as Bolas* (originalmente, *Trading places*, 1983) em que o enredo trabalha trocando as posições sociais de um morador de rua, interpretado por Eddie Murphy, e um diretor de uma empresa de corretagem na Bolsa de Valores de Nova York, interpretado por Dan Aykroyd. Essa proposta teria a vantagem de ser acessível e bem compreensível para alunos de qualquer fase.

A partir de alguns exemplos trazidos pelo professor, os alunos são incentivados a ampliar a lista do arquivo pedagógico, contribuindo com a experiência sociocultural que eles trazem, como bagagem de vida.

A ideologia é uma representação, “não é vista como ‘conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade’, mas como ‘função da relação necessária entre linguagem e mundo’” (ORLANDI, 2001, p. 48 *apud* SILVA *et al.*, 2022, p. 71), ou seja, não faz parte de um sistema de decodificação, mas, segundo Pêcheux (1995, p. 87), ao “dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento” (ORLANDI, 2001 *ibid.*), não deixa de ser ou trazer uma representação em outras instâncias, como aquelas que nos fazem acreditar em determinadas produções de sentidos tidas como normais, naturais, quando adotamos uma posição disponível pelos jogos sociais, reproduzidas parafrasticamente.

Perspectivas, ótica, pontos de vista, muitas vezes se referem a nosso modo de pensar, ver o mundo e apresentá-lo, geralmente muito diferente de outras concepções individuais (subjetivas) e sócio-históricas, que são condicionadas e se condicionam através da ideologia, de acordo com a Análise de Discurso materialista. Pêcheux (1995) vai constituir as bases teórico-metodológicas dessa disciplina inovadora para a época, pois vai atuar, segundo Eni Orlandi (*apud* PÊCHEUX, 2006), principal tradutora do filósofo e introdutora dos estudos discursivos no Brasil, como “uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. Ele [Pêcheux] exerceu com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios” (ORLANDI, 1990, p. 7 *apud* PÊCHEUX, 2006 [nota ao leitor]).

Na mesma página, a autora, preparando o leitor, escreve: “Aí ele faz trabalharem os procedimentos da Análise de Discurso, na (des)construção e compreensão incessante do seu objeto: o discurso” (*ibid.*). A desconstrução foi uma tendência filosófica, pós-estruturalista, marcante e também presente na França, entre autores que repensaram a relação com o signo linguístico, questionando a noção de conteúdo como um significado literal para o significante e, conseqüentemente, o par opositivo, tão relevante à linguística saussuriana, de significante e significado. Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari são filósofos que vão apontar para esses “vãos que as disciplinas deixam”, principalmente a partir da linguagem. Michel Pêcheux também vai levantar questões acerca das disciplinas vistas como positivas, ou seja, fruto do positivismo.

A Análise de Discurso já nasce tendo em vista fatores de leitura e interpretação, a partir dos estudos norteadores da Linguística moderna do fim do século XIX. Assim, o surgimento da Semântica, orientada pelo filósofo Michel Bréal, deu as bases para a constituição do discurso materialista.

Fora os instrumentos aplicados por uma metodologia na análise discursiva, a saber: formações imaginárias, discursivas e ideológica; processos de paráfrase e polissemia; memória e silenciamento; entre outros, existe uma tipologia utilizada para caracterizar as formações discursivas predominantes, sem que haja limites rígidos de separação e hierarquia.

Vimos assim que o objeto, os processos de paráfrase e polissemia e os tipos estão em uma relação imbricada, assim como outros elementos formadores do discurso, mostrando o quanto as categorias fixas e estáticas, que dominaram a exposição científica, são ressignificadas com uma modulação diferente, ou seja, sem estabelecer um modelo fixo.

Ao pensar sobre a ideologia e os aparelhos ideológicos do Estado, Louis Althusser (1970, p. 13), em sua leitura de *O Capital*, de Karl Marx, destaca o livro II e comenta “que não há produção possível sem que seja assegurada a reprodução das condições materiais da produção: a reprodução dos meios de produção”.

Essa delimitação da produção/reprodução entre o homem e a fábrica, como extensão dessas relações de trabalho, talvez funcionem como uma metonímia, tamanho o grau de pertinência entre ambos, ultrapassando a metáfora, em que os objetos em comparação mantenham a separação identitária desses objetos em interseção, compartilhando traços em comum.

Nesse sentido, a ideologia reforça no proletariado a sua força de trabalho e as suas condições de atuação, como uma peça, uma parte menor dessas engrenagens. Essa condição está presente em produções cinematográficas como *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin, em que, na esteira da fábrica, o funcionário, sem o treinamento necessário para agir, perde o ritmo, o tempo certo de apertar o parafuso, e desencadeia uma reação atrapalhada em toda a linha, até ser engolido pela máquina.

Voltamos à tipologia proposta por Orlandi (2001) para entender o quanto o tipo lúdico, com as características elencadas pela autora, casa com a modalidade do cinema mudo. O filme de Chaplin acessa múltiplas linguagens e fornece ao interlocutor uma gama de interpretações das feições faciais do ator, incluindo ações que ocorrem na cela, em meio ao cenário, e a interação com outros personagens. Isso possibilita uma polissemia, pois a linguagem é aberta e reversível, dependendo da posição que o interlocutor assume com o que está posto no cenário.

Considerando que “toda a formação social releva um modo de produção dominante, podemos dizer que o processo de produção põe em movimento forças produtivas existentes em (*dans et sous*) relações de produção definidas” (ALTHUSSER, 1970, p. 229).

Entretanto, Orlandi (2001, p. 101) mais uma vez relativiza e traz o outro ponto a ser articulado na produção de sentido: “Não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos. E o faz, não como algo que se dá abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem sócio-históricas”. Desse modo, entende-se que quem produz conhecimento acessa fontes bibliográficas específicas da área de concentração, produz os textos de acordo com as exigências e requisitos estabelecidos

por um programa. O objetivo maior, no plano ideológico, não carrega uma conotação de valores, perpassa todo o processo de constituição que corresponde a determinados períodos históricos.

Segundo Althusser (1970, p. 229), "A condição última da produção é portanto a reprodução das condições de produção", e essas condições são materiais. Produto e uma nova produção; uma produção que produz um produto justifica a dinâmica deslocada para escrita e leitura na disputa pela produção dos sentidos, submetidos a uma ideologia, aos processos históricos, formações discursivas e imaginárias atravessadas pela subjetividade.

Faz jus ainda pontuar que, segundo Althusser, as condições materiais de produção e a sua conseqüente reprodução são efeitos das condições reais. Essa virtualidade não se corresponde diretamente com a materialidade, o que o autor demonstra a partir dos livros II e III da obra de Marx, de onde vem a sobra, o excesso da "mais-valia", retirada da força de trabalho (ALTHUSSER, 1970, p. 14-15). No texto, onde essa sobra se situa?

Considerando-se a ação dos instrumentos discursivos, o excesso está no controle do autor, nas possibilidades do leitor, ou na transmissão do texto em si, pela interação? As analogias não esclarecem totalmente alguns nódulos, nem os desfazem, mas são recursos que ajudam a pensar os entornos. Procurando consensos, "entramos agora num domínio sobre o qual a observação do que se passa na empresa é, se não totalmente, pelo menos quase inteiramente cega" (ALTHUSSER, 1970, p. 17).

Apoiado na leitura do texto Verdade e Poder (FOUCAULT, 1979), é pertinente situar a Literatura como produção de verdade ficcional. Essa verdade ficcional espelha um retrato social de uma época, com relações fronteiriças e margens muito magras entre a História e a Análise de Discurso de orientação francesa. A questão pode ser vista como um balizador do pensamento capaz de organizar o discurso de um elenco de saberes e a sua produção em torno da manutenção de determinados mecanismos reprodutivos do pensar e do agir.

Nessa mesma linha de pensamento, pode-se situar o trabalho de Benjamin (1987), visando a descentralizar a narrativa dos povos que ditavam a ordem política, para colocar em cena a história de povos vencidos, no processo decolonial. Pode-se mostrar que ainda havia civilizações cujas narrativas ainda eram embasadas no animismo, como as culturas africanas, e essas características foram apagadas pelo capitalismo de uma forma geral na Europa Ocidental e nos Estados Unidos da América, que adotaram um caráter social utilitarista, passando a ver as culturas nativas como lendas, fábulas, desvalorizando-as.

Indo de encontro a esse caráter utilitarista capitalista e resgatando as narrativas primordiais, Antônio Cândido (2011) escreveu seu ensaio sobre o direito à literatura, acessível a todas as camadas sociais, respeitada a cultura de cada grupo, mas garantindo o direito à "fabulação". Isso abre a possibilidade de entender melhor o mundo que se recria pela ficção e a imaginação dos homens, habitando o nosso inconsciente de fatos imemoriais, quando nos replicávamos através das histórias, de outros olhares, e explicávamos fenômenos naturais e sociais que não entendemos direito, mas a respeito dos quais a linguagem nos permite divagar pela narrativa.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

AZEVEDO, Artur. **De cima para baixo** (conto). s/d. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000069.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 24.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas** volume 1: magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 [1940]. p. 222-232.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: **Vários Escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1979.

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1948]. p. 104-126.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez e EdUnicamp, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas, SP: EdUnicamp, 1995.

SILVA, Silmara Dela *et al.* **Análise de discurso**, uma introdução. Niterói, RJ: EdUFF, 2022.

TRADING Places. Direção: John Landis. Produção: Aaron Russo. Paramount Pictures, 1983.